

Resumos de teses e dissertações

Abstracts of theses and dissertations

O pensamento freudiano e a crise paradigmática: vozes polifônicas em um campo de batalha*

The Freudian thought and the paradigmatic crisis:
polyphonic voices in a battlefield

Esta pesquisa tem como temática central a relação das mudanças epistemológicas da teoria freudiana com o contexto de crise do paradigma da modernidade, contemporânea à edificação do saber psicanalítico. Partimos de uma das mudanças mais representativas na psicanálise: a passagem da chamada 1ª tópica para a 2ª tópica. Se Freud, no Capítulo VII de **A interpretação dos sonhos** (1900), propõe um modelo de aparelho psíquico fisicalista, baseado em fronteiras bem definidas que distinguem espaços e funções bem delimitadas entre os sistemas inconsciente, pré-consciente e inconsciente, em **O ego e o id** (1923), ele nos fornece um novo aparelho descrito em termos fantasísticos e ficcionais, no qual os limites que separam as diferentes instâncias – ego, id e superego – foram praticamente destruídos. Enquanto para os amadores dos modelos racionais seria necessário descrever o aparelho psíquico de um ponto de vista científico, eis que Freud, em 1923, nas palavras de Laplanche, não receia em falar das instâncias psíquicas “como se fossem personagens reais dentro de nós”.

O paradigma da modernidade entra em crise sob dois aspectos: um teórico e outro social. O primeiro se manifesta quando a produção do saber, no interior do próprio paradigma, desmente os pressupostos sobre os quais ele havia se erguido. A ruptura operada pela Física de Einstein e os avanços da Física Quântica contrariam frontalmente os postulados da ciência moderna. Já o aspecto social verifica-se quando a sociedade construída com base nesse paradigma entra em crise profunda. O imperialismo e a Primeira Guerra Mundial, nos séculos XIX e XX, testemunham que a racionalidade moderna não foi capaz de cumprir as promessas de igualdade e justiça do Iluminismo.

Percebemos que os efeitos da crise da modernidade se infiltram no edifício teórico da psicanálise a partir de certo distanciamento das convicções positivistas iniciais de Freud. A ideologia progressista defendida pelo Positivismo é a mesma ideologia responsável pela própria definição do conceito de civilização moderna, cunhada no Iluminismo, baseada no noção de aperfeiçoamento e evolução constante para o indivíduo e para a sociedade. A associação de civilização e aperfeiçoamento fornece as bases imaginárias da dominação imperialista dos séculos XIX e XX: nem todos os povos, segundo o argumento eurocentrista, teriam recursos simbólicos de se aperfeiçoarem, e os europeus teriam que emprestar-lhes a sua razão e o seu modo de vida para tais povos distantes saírem da condição de barbárie. Esse argumento, calcado na razão, torna certas experiências culturais ilegítimas e justificam as práticas modernas de dominação.

* Autor: Bruno Leal Farah; Orientadora: Teresa Cristina Carreteiro – Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF. e-mail: brunofarah@yahoo.com.br.

Verificamos que a crise do paradigma moderno no início deste século vincula-se, em certos aspectos, à crítica da noção de Autoridade, experimentada na contemporaneidade. O espírito do movimento modernista, contemporâneo à emergência da psicanálise e à Primeira Guerra, é determinante na crítica à modernidade. O questionamento da autoridade soberana do Estado moderno é exercido por meio do esfacelamento do pressuposto do ponto de vista privilegiado para o acesso ao real. Tal pressuposto consolidou o lugar determinante da Ciência e do Estado Moderno como detentores especiais da verdade sobre o real. O cubismo de Picasso, a ironia na literatura de Mann, Woolf, Joyce e Conrad, as múltiplas perspectivas em fotografia e o novo espírito científico de Einstein – todas essas manifestações modernistas celebram a multiplicidade de perspectivas para o acesso ao real, contrária à perspectiva única, enfatizada pelo imaginário moderno.

Em **Desilusão da guerra** (1915), Freud denuncia o impasse da Autoridade do Estado ao associá-lo ao Pai primevo de **Totem e tabu** (1913). O ponto de vista privilegiado e soberano do Estado moderno auxiliou a produzir os horrores do imperialismo e da guerra, em vez do bem-estar coletivo anunciado pela ideologia progressista do Iluminismo. Em **Uma dificuldade no caminho da psicanálise** (1916), Freud reforça essa crítica ao sugerir que a consciência – instância responsável pelo ponto de vista racional –, fiel combatente iluminista das ilusões, também ilude o ego, não o protegendo, como prometia, dos ataques pulsionais. Podemos ir mais longe: a consciência pode, ironicamente, sustentar a “menoridade” do ego – o oposto da sua proposta progressista manifesta. A partir de 1916, o ego desloca-se da posição supra-racional, separado do conflito, e a sua razão deliberativa torna-se o elemento mais frágil do novo aparelho de 1923.

Dizer que a psicanálise apenas sofreu os efeitos da crise da modernidade seria uma anticonclusão. Seria concluir valendo-se de um causalismo simplista de base positivista: esta pesquisa verificou justamente certo distanciamento do imaginário positivista e a simultânea complexificação da teoria psicanalítica, após o período da guerra. A psicanálise não sofreu apenas os efeitos da crise da modernidade; também contribuiu diretamente para tal crise, e não apenas na “virada dos anos 20”. Antes mesmo da “desilusão da guerra” em sua teoria, Freud já havia apontado para o esfacelamento do pressuposto do ponto de vista privilegiado para o acesso ao real, na contramão da sua intenção manifesta em circunscrever a psicanálise nos domínios da ciência positivista. A idéia de associação livre, crucial para a emergência do saber em jogo na psicanálise, sugere o oposto de tal pressuposto, tal como o cubismo de Picasso, a ironia na literatura modernista ou as perspectivas múltiplas da fotografia do início do século XX. Se a idéia do ponto de vista privilegiado define quem tem o poder e o direito sobre o conhecimento na modernidade, a associação livre rompe com tal pretensão cientificista, constituindo o cerne da discórdia psicanalítica ante as determinações epistemológicas da modernidade.

FARAH, Bruno Leal. **O pensamento freudiano e a crise paradigmática: vozes polifônicas em um campo de batalha**. 2003, 158 p. (Dissertação, Mestrado em Psicologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Religião, identidade e angústia: um estudo entre os evangélicos pentecostais*

Religion, identity and anguish: a study among Pentecostal evangelists

Este estudo trata da relação entre religião, identidade e angústia na vida do ser humano. A nossa pretensão foi analisar a questão religiosa em um grupo de pessoas que passaram pelo processo chamado de “conversão”. Buscamos verificar, a partir da entrada dessas em uma igreja evangélica pentecostal, as transformações ocorridas em sua vida e sua relação com a angústia e a identidade.

Na pesquisa teórica, abordamos a questão religiosa, a identidade e a angústia sob diferentes pontos de vista, tais como o da psicologia, da psicanálise, da filosofia, da sociologia, da antropologia e da teologia, buscando estabelecer relação entre os tópicos. Abordamos também os evangélicos pentecostais como um grupo social e religioso, investigando um pouco de sua história e a relevância deles no atual contexto brasileiro.

Na pesquisa de campo, utilizamos como metodologia o estudo de caso. Como instrumento de coleta de dados, fizemos uso de entrevistas semi-estruturadas com quatro participantes da Igreja do Evangelho Quadrangular da Grande BH. Para analisar os dados, recorreremos à análise de conteúdo.

Sustentando-nos na Psicanálise de Freud, analisamos, em um primeiro momento, a religião como uma neurose e uma ilusão. Nessa perspectiva, sua origem está ligada à ambivalência afetiva do indivíduo em relação à figura do pai e ao desamparo infantil. A religião teria a função de proteger o homem da natureza hostil; reconciliá-lo com seu destino, particularmente com a morte; recompensá-lo pelos sofrimentos e pelas injustiças presentes no seu viver diário; colocar ordem no mundo, legitimando as normas sociais; explicar os enigmas da existência humana e garantir a realização da justiça. Outros autores nos trazem uma reflexão de que a questão não é discutir se uma religião é boa ou ruim, mas sim o que ela significa para o indivíduo e quais os resultados advindos de sua prática em sua vida. Na verdade, como é enfatizado por alguns, a religião é uma das mais importantes dimensões da vida humana. Para muitos, ela é a mais importante e o centro de sua vida. Um sistema de crenças que traz uma reflexão sobre os problemas fundamentais que o homem deve enfrentar: a vida, a morte, o mal, o bem. Ela organiza a vida do indivíduo, uma vez que só ela responde às suas questões essenciais, dando um sentido à sua vida e à sua morte.

Discorrendo sobre a questão da identidade, pontuamos que é num grupo social que o indivíduo vai construindo sua identidade. Trabalhando com o conceito de identida-

* Autora: Maria Auxiliadora da Silva; Orientador: Prof. Dr. Eduardo Dias Gontijo – Mestrado em Psicologia Social. Universidade Federal de Minas Gerais. e-mail: aux_silva@yahoo.com.br.

de como metamorfose, discutimos que o indivíduo vai-se transformando permanentemente, mas essa transformação só terá sentido na medida em que ele passa a tomar consciência dela. Nesse momento, ele será capaz de buscar novas alternativas para a sua vida, o que implicará conservar ou transformar a própria realidade onde está inserido. Identidade aponta para uma direção de vida, um estilo e um modo de viver que organiza o sujeito.

Em relação à problemática da angústia, discutimos, dentre outros pontos, que a angústia é considerada também como instintiva e interna, o que significa que a angústia é inerente a todos (em maior ou menor grau), não ficando o indivíduo completamente livre dela ao longo de sua vida. A angústia parece ser uma característica ontológica do ser humano, mas vivida de forma distinta por cada um, podendo apresentar-se tão intensa para alguns, que passa a ser patológica. Portanto, parece haver uma angústia existencial, que é constitutiva do ser humano, que se mostra mobilizadora, e há uma angústia de forma patológica, que é paralisante. O denominador comum em todas as teorias que tratam da angústia é a presença de conflitos conscientes e inconscientes, negados ou admitidos.

A religião pode ser construtiva na vida do indivíduo, ou fator de alienação. Vai depender da experiência de cada um; do significado que ela tem para ele e como ele a vivencia. No nosso estudo de caso, verificamos que a religião não só é extremamente significativa na vida do indivíduo, como é também construtiva. Ela lhe dá nova identidade, o que lhe possibilita lidar de maneira mais tranqüila com os problemas, as adversidades e a angústia, associados à existência humana. É uma identidade que o define, que o distingue, que o faz sair do anonimato e da insignificância. Assim, luta e prossegue num caminhar que tem a fé a indicar-lhe a direção, não se deixando naufragar diante da angústia. Esta é aplacada, permitindo que ele reconstrua sua história, saindo em busca de novas alternativas para um viver melhor para si e para a sociedade em que está inserido.

SILVA, Maria Auxiliadora da. **Religião, identidade e angústia: um estudo entre os evangélicos pentecostais**. 2003. 345 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

Com que roupa eu vou pro samba?*

What shall I wear for the *samba*?

A pesquisa problematiza os efeitos de alguns movimentos contemporâneos na subjetividade, os quais têm provocado desconfortos diversos e, conseqüentemente, forçado a busca de novos modos de existência, novas roupagens.

As inquietações experimentadas na pele são pontos de partida para o trabalho e ganham visibilidade nas seguintes perguntas: como vestir a alma com novos trajes? Como mudar? Como forjar outras possibilidades de vida? Como aprender a dançar o samba que a vida hoje nos convida? Aqui, a imagem do samba foi utilizada, inicialmente, como recurso para o pensamento, a fim de facilitar a idéia de movimento, ginga e jogo de cintura.

Afirma-se que o mundo contemporâneo nos obriga a experimentar ritmos de vida desconhecidos, diferentes de outras épocas, sem, muitas vezes, possibilitar o tempo necessário para digeri-los com certa tranqüilidade. Chama-se de “samba da desterritorialização” (movimento de intensificação das perdas de antigas referências ou territórios, nos quais a subjetividade se sente “em casa”) os efeitos dos movimentos atuais na subjetividade, especialmente os resultantes da globalização e das virtualizações, os quais levam as pessoas a viver situações dolorosas de mudanças em vários campos – profissional, econômico, político, cultural, afetivo, etc.

A globalização tem produzido inúmeras misturas – de costumes, valores, afetos, maneiras de pensar e sentir; as virtualizações têm gerado novas formas cotidianas de presença e de lidar com o real. Ambos provocam movimentos intensos e sorrateiros que desterritorializam e desestabilizam a subjetividade, numa velocidade difícil de acompanhar.

Tais movimentos são vividos como perdas – da essência, da identidade ou do Eu –, e a subjetividade, ao ser atravessada por eles, experimenta confusão e sensações de falta de perspectivas. O que fazer para recompô-la? Como buscar novos trajes?

O mercado oferece várias possibilidades de recomposição, dentre elas, a literatura de auto-ajuda e a inteligência emocional, percebidas, por meio da pesquisa, como estratégias atuais de conversão ao individualismo contemporâneo e como políticas moleculares de reafirmação dos modos de existência, que, há muito, pede socorro.

A literatura de auto-ajuda investe na capacidade reflexiva de o indivíduo resolver seus problemas e aposta na recuperação de uma suposta imagem perdida do *eu*. Ela

* Autora: Tânia Maia Barcelos; Orientadora: Prof^a Dr^a Suely B. Rolnik – Mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. e-mail: taniab@triang.com.br.

tenta convencer as pessoas de que, se o indivíduo mudar, o mundo mudará com ele; sugere que os desconfortos vividos, atualmente, decorrem de uma descrença na capacidade de exercer poder sobre si mesmo. A inteligência emocional, por sua vez, propõe o controle e o reaprendizado das emoções, enfatizando, de certa maneira, o seu uso “correto” como solução para os males afetivos atuais.

Nesse sentido, a pesquisa aponta que as propostas do mercado – a literatura de auto-ajuda e a inteligência emocional – podem estar na contramão dos movimentos que desterritorializam a subjetividade, uma vez que esses tentam forçá-la a criar outras figuras de si, outros modos de sentir, de afetar e de se deixar afetar pelo mundo. Já as propostas do mercado investem na manutenção de um ideal da subjetividade, que insiste na política que a mantém prisioneira da rigidez, da repetição improdutiva e da resistência à afirmação da vida. É como se a subjetividade caísse numa armadilha: investir em uma forma, da qual, teoricamente, gostaria de se livrar.

A busca por novas roupagens leva-me a uma aproximação com o samba – produção rítmico-melódica brasileira –, que possibilita novos caminhos para a pesquisa e propicia outras maneiras de levar adiante a problematização da mudança da subjetividade. O encontro com o samba, especialmente com Noel Rosa, faz-me perceber que a criação de estratégias de alegria e de enfrentamento da vida acontece, sobretudo, por contágio, na invisibilidade dos movimentos e não por meio de reflexão programada e controlada. O encontro com o samba faz entender que as misturas, exigência intensificada no mundo atual, podem estar a serviço da invenção de formas diferentes de vida e não, necessariamente, a favor da produção de tristeza e da perda de alguma essência ou ideal de subjetividade. Nesse encontro, fica visível que inventar exige jogo de cintura e improvisação de movimentos e que tudo isso acontece na experimentação, sem receitas ou regras, *a priori*, para esse aprendizado.

BARCELOS, Tânia Maia. **Com que roupa eu vou pro samba?** 1999, 100p. (Dissertação, Mestrado em Psicologia). PUC – SP.